



EVANGELHO DO REINO
DISCURSO NA ABERTURA DO XXIX ENCONTRO DA PASTORAL SOCIAL

09 Setembro 2014 – Steyler Fátima Hotel – 15h

“Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus, e a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma «caridade por receita», uma série de acções destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o reino de Deus (cf. Lc 4, 43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo» (Mt 6, 33). O projecto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: «Proclamai que o Reino do Céu está perto» (Mt 10, 7).” (EG 180)

Esta citação da *Evangelii Gaudium* fornece-me alguns elementos para esta circunstância de abertura do Encontro da Pastoral Social. As palavras são paradigmáticas e podem sugerir propostas para o Encontro assim como para a Pastoral Social da Igreja.

Em primeiro lugar, a missão da Igreja não se esgota na proposta de uma relação pessoal com Deus. Ela é, de certo, a raiz de uma árvore frondosa. Tudo parte de um centro mas não se encerra nesse centro. Abre-se e exige que o Amor a Deus seja considerado incompleto e inconsequente se não se expressar nas obras do mesmo Deus: as pessoas e o mundo criado.

Se tudo nasce daqui, a Igreja terá de aquilatar a qualidade do seu agir nesta convergência de tensões. Uma perspectiva legalista que força o Homem a praticar determinadas acções para tranquilizar a sua consciência é manifestamente insuficiente e até indesejada. Ninguém se encanta com uma “caridade por receita”. O Evangelho, por sua vez, reclama a criatividade de algo capaz de abraçar a vida como um todo e não apenas alguns aspectos singulares, como as circunstâncias de carência material.



A mensagem cristã tem, deste modo, uma outra finalidade: construir o Reino de Deus pela contínua transformação das realidades terrestres e pela promoção inclusiva da dignidade humana.

Este pressuposto responsabiliza ainda mais a Igreja e impele-a a incidir a sua mensagem sobre todas as situações complexas da vida hodierna. Há quem diga que a Igreja **não pode fazer política**. E usam este argumento para impedir que ela intervenha nos problemas reais das pessoas. Mas ela nunca será fiel ao Seu fundador se não for capaz de edificar Reino através de palavras e de diversas iniciativas e de colaborar com todas as forças do bem presentes na sociedade. Não somos os únicos, é certo. Somos parceiros nesta construção de um mundo novo. Mas se construir é difícil, não custa menos ser uma voz que se confronta com as negações da humanidade para as denunciar e fazer com que as forças da discriminação e da opressão não impeçam a felicidade dos mais vulneráveis. A palavra e a acção podem incomodar mas nunca nos poderemos sentir dispensados de as colocar ao serviço do Reino, que quer dizer do Bem-comum. Sair ao encontro das pessoas e dos problemas que as afectam é quanto o Papa Francisco nos desafia. Ele não se contenta com os formalismos entrincheirados na rotina que não vê e que passa ao lado. A sua vida está carregada de um humanismo impressionante e talvez a originalidade do seu pontificado resida nesta capacidade de estar onde o Homem está, de ir lá e não ficar instalado no seu devocionismo tranquilizador.

Para a Igreja em Portugal – bispos, sacerdotes e leigos – estas palavras da *Alegria do Evangelho* são uma proposta que nunca poderá ficar esquecida nem resignada ao reino das boas intenções ou da Doutrina Social da Igreja. Esta deve sair do compêndio e ser colocada na praça pública não por protagonismo mas por amor ao Homem que Cristo amou em primeiro lugar.

“Os Pastores, acolhendo as contribuições das diversas ciências, têm o direito de exprimir opiniões sobre tudo aquilo que diz respeito à vida das pessoas, dado que a tarefa evangelizadora implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Já não se pode afirmar que a religião se deve limitar ao âmbito do privado e serve apenas para preparar as almas para o Céu. Sabemos que Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nesta terra, embora estejam chamados à plenitude eterna, porque Ele criou todas as coisas «para nosso usufruto» (1 Tim 6, 17), para que todos possam



usufruir delas. Por isso, a conversão cristã exige rever, especialmente, tudo o que diz respeito à ordem social e consecução do bem comum” (EG 182).

Gostaria de terminar ousando sugerir que aceitemos, como um dos objectivos deste encontro, quanto o Papa Bento XVI disse na Eucaristia do Terreiro do Paço. “Esta Igreja local conclui justamente que a prioridade pastoral hoje é fazer de cada mulher e Homem cristão uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política.” O Evangelho nunca será Boa Nova sem esta visibilidade. Ele não pode ser colocado como doutrina que favorece simples meditações intimistas. Tem uma força orientada para gerar uma sociedade nova. Difícil? É a estrada para o hoje da Igreja.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*